Fonte: Jornal do País, 25/04 a 01/05/1985

Nova República ressuscita (sem censura) novela 'Roque Santeiro'

Antônio Aragão

Sob a alegação de que atentava "contra as instituições religiosas", a Censura Federal proibiu, em 1975, para todo território nacional, a novela "Roque Santeiro", de Dias Gomes, anunciada, em chamadas diárias, na época, pela TV Globo. Cinquenta e um capítulos já estavam escritos e vinte e cinco gravados. Os prejuízos da Globo, em termos de hoje, seriam, apenas quanto à produção, em torno de 450 milhões de cruzeiros. São, porém, incalculáveis, os prejuízos em relação à comercialização da novela (anunciantes), no chamado horário nobre da emissora, às 20 horas. Com a Nova República, a Globo vai gravar, de novo, "Roque Santeiro".

Em 1975, a TV Globo não dispunha ainda de condições para estabelecer o volume total dos prejuízos. Os cálculos são feitos, hoje, em termos de projeção. Agora, um capítulo de novela, apenas quanto à produção, custa à emissora entre 10 e 15 milhões de cruzeiros. "Roque Santeiro" foi proibida em agosto de 1975. Na ocasião, o Boletim de Programação da emissora (de 27 de agosto) anunciava a novela como uma peça de muita brasilidade, narrativa, produção e figurinos brasileiros.

Depois da proibição total da novela, a Globo botou no ar um protesto, numa tentativa de conseguir lubrificar a censura, com o Francisco Cuoco, de costas. Ele, então, vira para a tela, com o olhar espantado. Em seguida, começava a novela "Selva de Pedra". Esta forma de protesto foi a única possível naquele momento, pois também era proibido qualquer tipo de publicação sobre o que era proibido pela censura nos anos da ditadura, talvez tenha passado desapercebido pela grande maioria do público de televisão, mas marcou, pelo menos, uma tímida reação da direção da TV Globo.

Dias Gomes pretende aproveitar, no que for possível, todos os atores que gravaram os capítulos iniciais. A novela será inteiramente feita de novo. Ele conta que "a história da censura é muito confusa. Primeiro, ela foi proibida para as 20 horas, depois permitida para as 22 horas. Mas, havia tantos cortes que era impossível de se levar ao ar. A verdade é que havia um propósito, claramente explícito no despacho da censura, que era o de impedir que a novela fosse ao ar.

Uma cidade e o elenco

Para a gravação de "Roque Santeiro", a TV Globo construiu a primeira cidade fixa, chamada "Asa Branca", em Guaratiba, nos moldes de uma cidade do sertão da Bahia. Como figurantes, foram aproveitados frequentadores das feiras de São Cristóvão e de Duque de Caxias, num número em torno de 300. Uma literatura de cordel e de poesia popular, tendo como contraponto cantadores e repentistas, com o falecido ator Rafael de Carvalho. O cego Jeremias era representado por Catulo de Paula.

Do elenco, faziam parte Francisco Cuoco, o Roque Santeiro; Beth Faria, a viúva; Lima Duarte, Dona Carvalho, Milton Gonçalves, o padre; Lutero Luís, o prefeito, Elizângela, Elza Gomes, Emiliano Queirós, Débora Duarte, Eva Todor, Tereza Amayo, Valdir Maia, Rosa Maria Murtinho, Sandra Barsotti, André Valli, Luiz Armando Queiroz, Maria Cristina Nunes e Duri Reis, entre outros. A direção de Daniel Filho. O cenógrafo, Mário Monteiro.

Dias Gomes explica que os capítulos gravados não serão aproveitados, "porque será outro cenário, 51 capítulos já estavam escritos. Esta foi uma das razões pelas quais a Globo resolveu botar essa novela no ar, agora. A outra razão é que se queria demonstrar, numa certa medida, uma novela que espelhasse a Nova República".

– Talvez os prejuízos morais tenham sido maiores que os materiais – diz Dias Gomes. Ele não sabe e acha difícil um cálculo quanto aos prejuízos. Em termos de remuneração, os artistas nada perderam, pois, na época, todos foram aproveitados na novela que substituiu "Roque Santeiro", o "Pecado Capital".

Roque Santeiro segundo Dias

Dias Gomes conta a história de "Roque Santeiro":

– É a história de uma cidade que se desenvolveu toda em torno de um mito, o "Roque Santeiro", que foi um herói-mártir. Segundo a lenda, ele teria defendido a cidade de um ataque de bandidos, fugitivos da Ilha Grande, que começaram a saquear a cidade. Ele queria a cidade livre. A população inteira fugiu e Roque teve a coragem de conversar com os bandidos e aceitar um resgate. Posteriormente a quadrilha tentou atacar a Igreja para saquear e ele, que era um fazedor de santos, carola, coroinha, defendeu a Igreja, tentou impedir a invasão e foi morto.

– Mais tarde, seu corpo foi encontrado, estraçalhado, dentro de um rio. Algum tempo depois, uma menina paralítica, que estava tomando banho nesse mesmo rio, teve uma visão. Ela via "Roque Santeiro", que a aconselhou a se lambuzar na lama. Ela, então, ficou curada. O primeiro milagre de Roque. Daí, se desenvolve uma série de milagres. Roque vira uma espécie de santo, o que determina, naturalmente, romarias à cidade e uma consequente indústria montada para explorar o mito; medalhas, santinhos. Aí, surge a viúva de Roque, a moça que queria casar com ele, que passa a ser importante na cidade; um tio de Roque, criador de gado. Todas estas pessoas ganham enorme notoriedade e disso se aproveitam. Enfim, todo um grupo de pessoas que se aproveita do mito e o explora. A cidade inteira cresce em torno disso.

Uma longa luta com a censura

Os problemas de Dias Gomes com a censura começaram bem cedo:

– Desde os 19 anos de idade, sofro com a censura. Em 1942, minha primeira peça encenada, "Pé de Cabra", foi proibida pela censura do Estado Novo, na noite de estréia, e só foi liberada semanas depois, mediante o corte de 10 ou 12 palavras. Essa peça foi encenada pelo Procópio Ferreira, no teatro Serrador. Então, antes mesmo de atingir a maioridade, eu já estava censurado. Um companheiro precoce.

– Daí em diante, minha convivência com a censura sempre foi na base da porrada. A época mais difícil foi de 1964 para cá. Em 1964, tive a honra de inaugurar a série de proibições, com cerca de 300 vetadas. Em 1965, o "Berço do Herói", foi também proibida na noite da estréia. "A Invasão", foi interditada em 68, "O Pagador de Promessas", até mesmo o filme, foi interditado durante cinco anos. Outras peças eram vetadas em alguns Estados, em outros não. Até que em 1969 quase todas minhas peças estavam proibidas e as que não estavam eu achava que iam ser.

– Foi essa uma causa determinante da minha vida para a televisão – diz Dias Gomes. Havia uma total impossibilidade de continuar exercendo minha profissão. Na televisão a luta contra a censura continuou. A censura sempre cortou as novelas e acabou por proibir uma por inteiro, o "Roque Santeiro". Aliás, em televisão, apenas duas novelas foram interditadas inteiramente; o Roque e a "Despedida de Casado", do Valter Jorge Durst.

– A censura cortava no tape e só liberava nas vésperas da exibição. Então, não havia possibilidade de refazer e os capítulos iam ao ar mutilados. Muitas vezes, o capítulo fica sem sentido, o espectador sem entender direito a história, o episódio.

Dias Gomes cita um exemplo:

– No "O Bem Amado", na época do famoso general Bandeira, da Censura Federal, ele proibiu de chamar o "Odorico" de coronel. A novela já estava no meio da produção e com muitos capítulos gravados à frente. Tivemos, então, de apagar no tape, a palavra coronel. A princípio, a gente pretendeu fazer o seguinte: apagar apenas a linguagem e mexer o lábio, sem som, para que o público percebesse o que estava sendo censurado. Chegamos até a levar alguns capítulos dessa maneira no ar. Mas, eles (a censura) perceberam e cortaram também a imagem. Aí, a palavra coronel falava, ficava falso. Nos capítulos que escrevi, em seguida, o "Odorico" passou a ser chamado de doutor, porque coronel não podia.

– Depois, o General Bandeira proibiu, também, de chamar o "Zeca Diabo" de capitão. O mesmo problema. E, nos últimos capítulos, ele interditou também o cabo. Essa última proibição não foi obedecida. Achou-se que era demais e se resolveu arcar as consequências de uma insubordinação e deixamos no ar assim mesmo, porque, inclusive, faltavam apenas uns tais ou quatro capítulos.

Em relação a possíveis ameaças ou intimidações pessoais, Dias Gomes responde: "Mas você acha que tem coisa pior do que proibir uma peça? "

– Não, nunca houve nada pessoal. Meu problema mesmo era com a censura federal. A não ser, às vezes, manifestações de espectadores; esse tipo de censura que a sociedade também exerce. Principalmente, as instituições que não admitem nunca uma crítica. Por exemplo, no próprio "Bem Amado" havia o "Zeca Diabo". O grande sonho da vida dele era ser protético. Então, por incrível que pareça, eu recebi um ofício do Sindicato dos Protéticos, protestando contra o fato de o "Zeca Diabo" querer ser protético, porque ele era um bandido, um cangaceiro, um semi-analfabeto.

– Era um protesto absurdo, principalmente porque o Zeca não era e nem chegou a ser protético, era apenas um sonho. Agora, sonho o seguinte: se você é protético e tem alguém que sonha em ser protético, você deve ficar até envaidecido pelo fato de alguém querer ser aquilo que você é. Um protesto inteiramente idiota, parecia até que o sindicato não tinha nada mais o que fazer, ao invés de lutar por melhores salários, por melhores condições de trabalho.

Dias Gomes revela que esse tipo de protesto é comum:

– Por exemplo, não se pode mexer muito com médicos; a Associação Médica pula logo se se coloca um médico mau caráter, um médico bêbado, logo vem um protesto da Associação. É uma coisa idiota; o fato de ter um mau médico não significa que toda a classe tenha sido ofendida. Mas, no Brasil não se entende isso. Nos Estados Unidos, você pode criticar tudo; até o Exército, muitos filmes colocam generais como ridículos e o Exército não protesta contra isso. Houve, também, um protesto, acho que no "O Espigão", das enfermeiras, porque na novela havia uma enfermeira que gostava de amar, de se dar. Esse é um tipo de censura que não se pode abolir, por exemplo, porque ela não é oficial. Por isso é que digo que a censura é desnecessária. A própria sociedade faz a sua censura.

Santeiro, no Aurélio

Dias Gomes considera o Governo Médici o pior dos governos militares da ditadura imposta em 1964 em termos de censura à criação artística:

– A pior época da censura foi a do Governo Médici, aliás foi pior para tudo. Às vezes, ficava impossível botar uma novela no ar. Nós tínhamos que ir, muitas vezes, a Brasília, explicar aos censores coisas que eles não entendiam, que pareciam não entender. Eles censuravam até pensamento. Em certa ocasião, tive que ir à censura para tentar liberar alguns cortes de "Saramandaia", que estava sendo impossível de se botar no ar. Eles não entendiam nada da novela, ou cada um entendia a seu modo, ou o que eles queriam entender.